

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O CAMPO DE ESTÁGIO: RELAÇÕES DA FORMAÇÃO HUMANA ENTRE ESCOLA E UNIVERSIDADE

*GAMA, Leonardo Rocha da (autor)
Professor Assistente do Curso de Educação Física – CAMEAM/UERN
gama.leonardo@yahoo.com.br*

*FERNANDES, Stephany de Fátima Costa (coautora)
Discente do Curso de Educação Física – CAMEAM/UERN
stephany_fcf@hotmail.com*

*DINIZ, Francisca Iule Costa (coautora)
Discente do Curso de Educação Física – CAMEAM/UERN
iulecdiniz@gmail.com*

*MAIA, Jorge Alexandre (coautor)
Professor da Rede Estadual de Educação do Rio Grande do Norte
Professor Substituto no Curso de Educação Física – CAMEAM/UERN
jorge_alexandre16@hotmail.com*

RESUMO

Estágio supervisionado obrigatório é um elemento comum aos cursos de licenciatura no Brasil, cuja missão social é formar professores para atuar nas escolas brasileiras. No Projeto Político Pedagógico Curricular do Curso de Educação Física, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em particular, do Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia, o Estágio Supervisionado empreende o exercício da docência e a trajetória da formação do futuro professor de Educação Física nessa instituição. Guiam nossa investigação as seguintes questões: 1.O que há nesse percurso que possibilita ao futuro professor se apropriar do fazer docente? 2.Que trajetória faz esses estudantes de educação física no estágio supervisionado e como os mesmos se comportam em cada parte dessa trajetória? 3.Em que instante é possível perceber a mudança de comportamento? 4.Quais as relações dessa mudança de comportamento com abordagens humanistas da formação humana? Objetivamos relatar a experiência vivida por alunos estagiários nesse processo, articulando com saberes da formação humana. A metodologia adotada parte dos relatos de experiência de alunos de Educação Física, sexto período, matriculados nessa instituição que cumpriram o Estágio Supervisionado II na Escola Municipal São Benedito, Pau dos Ferros no ano de 2014.

PALAVRAS CHAVES: estagio supervisionado, educação física, formação humana.

Introdução

A Lei N° 11.788, de 25 de setembro de 2008 (BRASIL, 2008) versa, entre outras coisas, sobre o estágio no curso de formação de professores. Nesse documento, o estágio é uma ação voltada para a formação de professores, a ser efetivada na escola, cujo fim está na própria formação de futuros profissionais, alunos regulares dos cursos de licenciaturas das Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil. Portanto, o estágio supervisionado obrigatório é um elemento comum entre os cursos de licenciatura no Brasil e, assim, deve compor os currículos das faculdades cuja missão social é formar professores para atuar profissionalmente nas escolas brasileiras.

O Estágio Supervisionado Obrigatório faz parte do Projeto Político Pedagógico Curricular do Curso de Educação Física da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Em particular, do Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia, o Estágio Supervisionado Obrigatório empreende o exercício da docência, onde os alunos em formação são iniciados na prática docente de forma assistida, ora pelos coordenadores de estágio, professores das redes públicas do Estado do Rio Grande do Norte e do Município de Pau dos Ferros, ora pelos supervisores de estágio, os professores da disciplina acadêmica. Esse contato do discente com o campo de estágio se dá a partir do quinto período no curso de formação. Entendemos que nesse período o graduando já terá uma reserva de conhecimento que alicerçará sua prática no campo de estágio. Considerando o Estágio Supervisionado Obrigatório, cabe ao aluno estagiário desenvolver ações pedagógicas no âmbito da Educação Física escolar de forma sistematizada objetivando a formação de sujeitos articulados a dinâmica social.

Considerando ainda o contexto do Curso de Educação Física do Campus Avançado professora Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM) da UERN, o Estágio Supervisionado Obrigatório é fracionado em quatro partes sendo ofertados em semestres diferentes e em ordem lógica do desenvolvimento da aprendizagem. O primeiro estágio corresponde, em linhas gerais, aa visitas, as observações, aos acompanhamentos e desenvolvimento de planejamentos visando os demais estágios. A partir do segundo estágio a regência de classe passa a ser uma exigência. O segundo estágio objetiva a aplicação dos conhecimentos da educação física na educação infantil. O terceiro, o foco é o ensino fundamental. Por fim, o quarto tem como público de intervenção, escolares do ensino médio.

Considerando a anamnese realizada no início de cada processo, no curso da disciplina Estágio Supervisionado e a partir da fala de número significativo de alunos nesse instante, podemos observar que em geral, os alunos da graduação em Educação Física (CAMEAM/UERN), na licenciatura, expõem uma insegurança de não conseguir desenvolver o trabalho frente à sala de aula. Porém, com o passar dos anos, depois das diversas leituras, discussões, orientações e as vivências nas disciplinas de metodologia do ensino e do estágio supervisionado, o graduando já começa a se ver como professor atuante no âmbito escolar. Essa constatação é observada na expressão dos relatórios de intervenção pedagógica ao fim de cada etapa, a cada processo.

Diante das circunstâncias observadas, ao qual nos referimos anteriormente, em que é observada a mudança de comportamento do futuro profissional em sua formação quanto a lida do professor de Educação Física, lançamos as seguintes questões: 1. O que há nesse percurso que possibilita ao futuro professor se apropriar do fazer docente? 2. Que trajetória faz esses estudantes de educação física no estágio supervisionado e como os mesmos se comportam em cada parte dessa trajetória? 3. Em que instante é possível perceber a mudança de comportamento? 4. Quais as relações dessa mudança de comportamento com abordagens humanistas da formação humana?

No presente trabalho objetivamos relatar a experiência vivida por alunos estagiários durante o Estágio Supervisionado II, do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, na Escola Municipal São Benedito, localizada na cidade de Pau dos Ferros, articulando com os saberes da pedagogia do amor (MATURANA, 1998; 2000; 2001; 2014) e pedagogia libertadora (FREIRE, 1996; 1998; 2005).

A metodologia adotada parte dos relatos de experiência de alunos de Educação Física do sexto período, matriculados no Curso de Educação Física do CAMEAM, UERN e que cumpriram o Estágio Supervisionado II na Escola Municipal São Benedito, localizada na Rua São João, sem número, no bairro de mesmo nome, na cidade de Pau dos Ferros, no primeiro semestre de 2014. Compõe a amostragem o relato de experiência de dois sujeitos, cujo os núcleos de sentido foram analisados a luz das seguintes abordagens humanistas da formação humana: pedagogia do amor (MATURANA, 1998; 2000; 2001; 2014) e pedagogia libertadora (FREIRE, 1996; 1998; 2005).

Essa aproximação da experiência pedagógica vivida no campo de estágio com a abordagem humanista da formação humana, no campo da pedagogia do amor (MATURANA, 1998; 2000; 2001; 2014) e pedagogia libertadora (FREIRE, 1996; 1998; 2005) é a nossa

maior contribuição, ora para a reflexão acadêmica e futuras práticas pedagógicas no âmbito escolar, ora pela própria construção do conhecimento. Entendemos que ainda justifica esse investimento acadêmico a possibilidade de construir um lastro de experiências que com o tempo e com o acúmulo de outras intervenções somem resultados que nos faça ventilar possibilidades de formação profissional em Educação Física, a partir de experiências com esse recorte: escola, abordagem humanista e formação profissional. Compreendemos que só uma perspectiva de formação dialogada pode articular essa tríade para efeito de resultados em que o sujeito, seja ele qual papel esteja, sempre seja protagonista das suas ações, por consequência, na sua formação e que essa formação se articule na dinâmica social.

Caracterização do campo de estágio e outros aspectos relacionados

A experiência vivida ocorreu na Escola Municipal São Benedito localizada no bairro ao leste do centro da cidade de Pau dos Ferros, homônimo a escola, no primeiro semestre de 2014. Próximo do centro, o bairro São Benedito é servido de posto de saúde e escolas, o que indica a presença do poder público na assistência dessa população. Há um comércio em expansão, com oferta de serviços e produtos variados, desde farmácia e padaria até, armazéns, bares e restaurantes. Porém, os riscos sociais são ainda frequentes entre os moradores desse bairro, por exemplo, falta de saneamento básico, baixa renda familiar e desemprego. Faltam ainda espaços e opções de lazer, o que deixa a população mais jovem vulnerável ao assédio de narcotraficantes e aos riscos de uma gravidez precoce, por exemplo.

A Escola Municipal São Benedito atende alunos desse bairro, crianças e adolescente, matriculados no ensino fundamental, anos iniciais e finais. A escola não possui quadra de esportes ou mesmo, um espaço reservado para as aulas de Educação Física. As aulas dessa disciplina ou são realizadas em sala de aula convencional, ou no pátio central da escola, muitas vezes atrapalhando o andamento das atividades em outras turmas. Quando é programada uma aula de iniciação esportiva ou de atividades que exija um espaço maior, faz-se uso da quadra em outra escola próxima, a saber: Escola Municipal Severino Bezerra.

Embora o estágio supervisionado II foque o público matriculado na educação infantil, houve uma adaptação do público em função da baixa demanda de escolas e creches na cidade que façam esse atendimento específico. A adaptação incluiu alunos dos anos iniciais do ensino fundamental por considerarmos que a faixa-etária se aproxima e que no estágio supervisionado III, o discente terá a oportunidade de vivenciar o público matriculado nos anos finais do Ensino Fundamental.

A construção docente em três momentos

Nesse ponto do nosso estudo passaremos a responder o que há nesse percurso que possibilita ao futuro professor se apropriar do fazer docente, sobre a trajetória que esses sujeitos percorrem e como os mesmos se comportam em cada parte dessa trajetória. Para tanto, destacamos a nossa opção por intercalar os núcleos de sentido extraídos do relato de experiência dos discentes com os autores e nossas reflexões.

O Estágio Supervisionado se deu considerando a seguinte trajetória: OBSERVAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E REGÊNCIA. Nesse percurso, somam-se elementos que conduzem o aluno/estagiário a mudar hábitos pela convivência. Os hábitos de aprendiz vão aos poucos sendo substituídos por hábitos professorais como veremos a seguir.

Na fase de observação, em que se contabilizam seis horas, houve certa resistência da professora, uma vez que só a diretora estava ciente da minha presença na escola para fim de estágio. Ao chegar no primeiro dia do estágio em sala, a professora sem saber de minha vinda, tomou como de supetão minha chegada, mas logo me recebeu e permitiu que eu observasse sua aula, mesmo ela não sendo professora de Educação Física. A turma não estava recebendo essa disciplina, apesar de ter na carga horária da escola. Observei toda a aula que no dia foi trocada por ciências. A partir daí notei que a Educação Física embora garantida constitucionalmente, não é ofertada como as outras disciplinas (sujeito 1).

Observamos a partir da exposição do sujeito 1 que a falta de comunicação entre as partes da escola pode, em circunstâncias frequentes, fragilizar a ação pedagógica e expor o alunado ao grau dessa fragilidade. Nesse sentido, o prejuízo é sempre do aluno cujo grau é difícil de mensurar. Na mesma fala podemos verificar a expressão do descaso da gestão central ao negligenciar a presença do professor no ambiente escolar e infringir a Lei N°9394 de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que garante a oferta da Educação Física nesse nível de escolaridade. O que caracteriza dois tipos de negligências: 1. Comunicação, 2. Cumprimento legal da oferta da disciplina. Em consequência, professores sem a formação adequada dando aula no lugar do professor de Educação Física. Como consequência: o detrimento dos escolares em relação aos conhecimentos e benefícios das aulas de Educação Física, falta de informações entre as partes: gestão e mediador do conhecimento.

O primeiro contato com a escola deu-se de forma positiva, este primeiro momento constituiu da escolha da turma do estágio. A diretora agiu de forma receptiva e apresentou cada sala de aula para que eu pudesse escolher a turma onde desenvolveria as atividades, assim como também contou um pouco sobre como eram os alunos da escola e deu sugestões para que eu ficasse com uma turma boa, sendo assim, pelas orientações da mesma. Em um segundo momento, percebi que realmente a turma era o público que gostaria de trabalhar, outro ponto positivo detectado. A professora possuía o domínio da turma com educação e respeito, isso influenciava muito aos alunos ficarem em silêncio e prestar atenção nas aulas da professora. O relacionamento deles foi um ponto que marcou os meus dias de observação, a professora estava sempre dialogando e dando espaço aos alunos (Sujeito 2).

É possível observar o contraste das falas a partir da mesma realidade escolar. Na fala do sujeito 2 há uma visível satisfação do aluno estagiário quanto ao público, a recepção e orientação do gestor e do trabalho que se realiza na figura do professor. Esse contraste não expressa um paradoxo ou inverdades nas informações, mas afirma a subjetividade de sensações e sentimentos de sujeitos diferentes em circunstâncias semelhantes. Destacamos que embora a escola seja a mesma, a turma, a abordagem e os atores sociais envolvidos são em sua maioria diferentes, exceto a diretora.

Essas primeiras dificuldades se somam a falta de material e de estrutura física da escola para o atendimento dos alunos nas aulas de educação física. Em contrapartida, observamos o esforço dos professores pedagogos em cumprir os conteúdos específicos da educação física, a aproximação afetiva entre professor e aluno e, por fim, o paradoxo entre os sujeitos investigados. No primeiro instante da trajetória é possível identificar uma ambiguidade de sentimentos de empatia e antipatia na primeira abordagem, a fase de observação. Todas essas implicações constituem na prática as contingências da nossa história de interações que estão diretamente associadas ao aprender e, assim, a possibilidade de mudanças estruturais no nosso modo de agir (MATURANA, 1998).

A fase de Participação foi proveitosa. Auxiliei a professora nas atividades, alguns dos alunos não sabiam ler e escreviam porque reproduziam as letras, então motivei alguns que não queriam escrever a fazer toda a lição, e todos acataram meu pedido, e com a ajuda fizeram todo o texto. A professora começou a aula de Educação física com jogos e brincadeiras escritas em um caderno e a turma ficou muito animada e participativa. Foi notável o interesse da turma na disciplina, mesmo que em alguns momentos deixavam de participar, muitos dos meninos saíam e entravam na brincadeira. Principalmente por uma timidez em se divertir, alguns tinham um pensamento muito “adulto” para as brincadeiras e preferiam debochar e atrapalhar os colegas, pois diziam que aquilo era coisa de “criancinha” (Sujeito 1), [Grifo nosso].

Observamos uma mudança de perspectiva do sujeito 1 quando adentrou a etapa de participação. Essa mudança tem relação com o aprender na perspectiva da pedagogia do amor: “Sabemos que o aprender tem a ver com as mudanças estruturais que ocorrem em nós de maneira contingente com a história de nossas interações” (MATURANA, 1998, p.60). Para o mesmo autor, o que está envolvido no aprender é a transformação de nossa corporalidade, que segue um curso ou outro dependendo do modo de viver. Ao falar de aprendizagem, nessa perspectiva, devemos tomá-la como captação de um mundo independente num operar abstrato que quase não atinge nossa corporalidade.

Compreendemos que o comportamento que aqui contrasta com o primeiro instante, o da observação, é cercado pelo fenômeno da comunicação e da convivência que se dá no cotidiano, sendo o diálogo¹ um instrumento político-pedagógico valioso na construção e na afirmação das relações. Relações essas nem sempre fáceis entre aprendiz e mestre. Lembremos Freire (1998), em Educação e Mudança, que já afirmava que nós, seres humanos, somos seres de relações e não estamos apenas no mundo, mas sim, com o mundo. Assim, somos seres capazes de transcender e objetivar a nós mesmos, e ainda de distinguir. Nessa perspectiva é que compreendemos a nossa realidade, mas só o fazemos com o outro, na convivência, como afirma Maturana (1998).

O sujeito 2, em sua fala a seguir, expõe um fato que ilustra o pensamento de Paulo Freire: “Os alunos apesar de pouco tempo já demonstravam o gosto por estar com uma estagiária de educação física, sempre interessados e participativos”. O que nos leva a pensar que em contextos de relações e aprendizados, o professor passa a estar inserido na cultura da criança e isto acaba por instigar o professor a se aproximar do universo do seu aluno. Essa aproximação, em nosso entendimento, constitui o primeiro elo para pensar em formação humana². Compreendemos aqui a formação humana como ato de pensar e realizar nas aulas possibilidades de relações afetuosas de aprendizagem, instigando alunos nas competências da descoberta pela leitura, escrita, oratória, cálculo e, também, pelo movimento, mesmo que

¹ Freire (2005) traz no conceito de diálogo uma importante contribuição para a nossa reflexão. Diz o autor: “o diálogo é o encontro dos homens para *ser mais*” (p.95). A condição de *ser mais* está associada à forma de pensar e agir dos sujeitos: “pensar crítico”. Pensar criticamente é uma atitude política do pensamento. É uma manifestação do sujeito, termo dileto pelo autor, que ao perceber a realidade a compreende de forma dinâmica, como um processo constante e ininterrupto. É a capacidade de captar o mundo como parte de si, como uma substância única, inviolável, cujas partes agem em solidariedade [Grifo do autor].

² O humano surge na história evolutiva a que pertencemos ao surgir a linguagem, mas se constitui de fato como tal na conservação de um modo de viver particular centrado no compartilhamento de alimentos, na colaboração de machos e fêmeas, na criação da prole, no encontro sensual individualizado recorrente, no conversar. Por isso todo, o afazer humano se dá na linguagem, e o que na vida dos seres humanos não se dá na linguagem não é afazer humano; ao mesmo tempo, como todo afazer humano se dá a partir de uma emoção, nada do que seja humano ocorre fora do entrelaçamento do linguajar com o emocionar (MATURANA, 1997).

consideramos tudo antes como movimento em si, porém destacamos que o ato isolado em si não traduz nosso pensamento, uma vez que as ações devem ser sempre experiências do coletivo, do viver em convivência. Não se pode ler, escrever ou falar que não seja a partir do movimento e para ou com o outro.

A turma era difícil de trabalhar, muitos deles não sabiam parar e conversar com o outro quando havia violência entre eles e apenas revidavam com a mesma forma que recebiam. Não respeitavam muitas vezes o professor, nem os outros colegas. O estágio supervisionado II instigou a ideia de como se trabalhar atividades que desenvolvam afetuosidade e maior interação entre as crianças. Então se partiu para a busca de atividades em grupo e de pouca complexidade para buscar essa maior interação principalmente entre meninos e meninas. Logo de início se percebeu que a recusa de ambos em interagirem era muito grande, e que vários grupos se formavam na maioria das atividades. O ponto norteador deste interesse foi como o professor poderia trabalhar para que houvesse este entrosamento, e com isso pudesse desenvolver diversos valores e capacidades. Sendo estes como cooperação e respeito e ainda capacidades como velocidade e coordenação. Nestas atividades eles procuravam respeitar o tempo e a capacidade do outro, algumas vezes se sentindo obrigados, mas muitas das vezes com respeito e isto trouxe a ideia de que estes valores podem e devem ser desenvolvidos principalmente nas aulas mais práticas de Educação física, pois é neste momento onde as crianças estão mais suscetíveis a determinadas influências. Onde algum menino possa ajudar uma menina que corra mais devagar, por exemplo. Pois sabemos que culturalmente as meninas são em maioria desestimuladas a correr, a brincar a se sujar, já os meninos têm muito mais liberdade e autonomia para decidir sobre suas ações (Sujeito 1).

Observamos na fala do sujeito 1, a construção de saberes na organização do movimento, na convivência (quando expressa interação) e no refino dos valores éticos, como respeito e cooperação. A experiência educativa passa por mudanças de comportamento e transformação das atitudes diante do outro, inclusive. Veja o que diz o Sujeito 1: “Algumas vezes se tornava necessário que a aula parasse para uma conscientização de valores. A valorização do respeito e da ética para com os outros sempre foi ressaltado em sala, principalmente nos momentos de discussão”. Para Freire (2005, p. 37), “educar é substantivamente formar, por isso o ensino dos conteúdos não pode se dar alheio à formação moral e estética do educando. Um ensino tecnicista, que visa apenas o treinamento, diminui o que há de fundamentalmente humano na educação, o seu caráter formador”. Nesse sentido, Freire (Op. Cit) reduz o ensino tecnicista ao ato que ele mesmo denominou de “bancário”, que expressa o ato frequentemente observado da educação tradicional de reproduzir o conteúdo de forma mecânica e desarticulada com o contexto vivido. De outro modo, privilegia a dimensão

atitudinal do que se aprende e se ensina. Portanto, o conteúdo ético é tão indispensável à construção de uma sociedade quanto é a linguagem, a matemática e as demais ciências.

Por isso, propus na maioria das aulas, atividades onde houvesse o envolvimento de todos, e que nestas atividades o processo de humanização e capacidades físicas. No entanto, devido ao curto período de tempo não ocorreu quase nenhuma alteração no comportamento dos alunos. Para que alguns valores sejam de fato estimulados se torna necessário à criação de um elo entre aluno e professor e para um estagiário isso se torna mais difícil. Tendo em vista que para que este elo de confiança se construa, o tempo é um importante fator (Sujeito 1).

Compreendemos que toda ligação entre humanos é um fundamento da ética em qualquer discurso, em qualquer tempo, legitimando a presença e a importância do outro na condução de si e da vida em grupo. Por que ao nos movermos no domínio de ações, nos emocionamos e emocionamos, o que constitui distintas disposições corporais, que na condição de expressão amorosa nos atrai para o convívio (MATURANA, 1998; 2001). Os valores estabelecidos para a condução da vida na coletividade se referem a um acerto complexo entre os sujeitos implicados nesse desafio. Pois, compreendemos que é no convívio que a conduta ética se revela. Mas, reconhecemos que, o tempo passa a ser um fator determinante na construção do convívio e da consciência ética dos sujeitos e do grupo.

A Educação Física apresenta-se como uma possibilidade impar no contexto escolar, capaz de intensificar esse aprendizado na vivência dos seus próprios conteúdos, uma vez que a relação entre os sujeitos é de maior intensidade pelo apelo gestual que se requer nas práticas das atividades rítmicas, dos jogos e dos esportes, por exemplo, sendo o professor de Educação Física, o ator social dessas transformações.

Na fase de docência supervisionada, comecei a regência e fui recebida pelos alunos de forma muito receptiva e participativa. A turma acatava e respeitava todo o percurso da aula e ainda traziam várias ideias de atividades, todos muito carinhosos e educados, brincavam e sorriam constantemente (Sujeito 1).

Quando passei a assumir a turma como professora de educação física, agora já acontecia os planejamentos das aulas e a aplicação dos mesmos. A professora da turma sempre estava presente, participando como aluna e todos de tão interessados, despertava em mim uma motivação ainda maior. As aulas, conteúdos e objetivos foram todos embasados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S) tratando das suas dimensões e conteúdo. Envolvendo a cultura corporal através do conhecimento sobre o corpo, esportes, jogos, lutas, ginásticas, atividades rítmicas e expressivas (BRASIL, 1998a). Os alunos desenvolviam bem as atividades, uma vez que a professora apesar de pedagoga ministrava aulas de recreação todas as semanas. [...] Não haviam momentos de desconfortos durante as aulas, pois os alunos escutavam e realizavam as brincadeiras sem pestanejar, havia interação e respeito entre os

alunos e a professora, o que torna a sala de aula harmoniosa como sempre pude observar (Sujeito 2).

Nesse sentido, o futuro professor vai se tornando autônomo a partir da sua própria prática e da orientação de professores orientadores e supervisor. Essa autonomia vai se construindo à medida que o discente estagiário vai percebendo a realidade em que está atuando e se percebendo como professor. Destaco o sujeito 2 quando expressa sua condição de professora de educação física quando por direito ainda não é. Essa identidade de professora é construída ao longo da formação e se avoluma no momento do Estágio Supervisionado. Constitui uma fase de transformação da sua realidade de aluna para docente, conquistada na convivência entre os diferentes atores sociais que dividem o espaço escolar.

O estágio supervisionado foi muito importante tanto para a vida acadêmica quanto pessoal. Essa experiência possibilitou que eu refletisse a prática que estava sendo aplicada como também atitudes de relevância pessoal, corrigindo as falhas para que futuramente essas práticas sejam aperfeiçoadas. Além disso, o vínculo que criei com os alunos me fez querer estar mais próxima deles cada vez mais. Por tudo exposto anteriormente afirmo que essa experiência me foi gratificante (Sujeito2).

O registro acima nos permite afirmar que o processo de formação é contínuo e que se renova e se amplia na experiência, no cotidiano da escola, aula a aula. Que a experiência vivida como docente resvala na vida, na existência do professor que enquanto sujeito no mundo estará sempre implicado eticamente nas suas práticas, dentro ou fora do universo escolar. Portanto, o estágio abre portas para os alunos graduandos, uma vez que o mesmo possibilita o primeiro vínculo ao futuro campo de trabalho, dando oportunidades para a prática dos conhecimentos adquiridos durante certo período da graduação. Bianchini e Alvarenga. (2003, p.7) consideram que o estágio supervisionado é:

Uma atividade que o aluno revela sua criatividade, independência e caráter, proporcionando-lhe oportunidade para perceber se a escolha da profissão para qual se destina corresponde a sua verdadeira aptidão. Portanto, compreender primeiramente o que é e como se conceitua o Estágio Supervisionado é de muita importância para o aluno.

Fazendo uma relação com o contexto apresentado, podemos afirmar que a compreensão do discente sobre o Estágio Supervisionado torna-se um momento indispensável na formação de professores, e essa compreensão aparece como um componente que contribui para a formação profissional do professor de Educação Física em nossa instituição. O estagiário, especificamente sua atuação como agente de transformação social, contribui para sua própria

formação e ao se articular com outros colegas, produz e aprende conhecimentos que se somam na experiência com outros. Essa troca de experiências entre os agentes (estagiários, escolares, orientadores e supervisores) é caracterizado como um estado constante de aprendizagem que se dá no chão da escola.

Em nossas primeiras reflexões, ao enfrentar a realidade com outros olhos, o professor buscará novas ideias, rumos, e soluções de problemas para que possa atuar para a melhoria dos sujeitos envolvidos. O Estágio Supervisionado consiste em teoria e prática tendo em vista uma busca constante da realidade para uma elaboração conjunta do programa de trabalho na formação do educador (PIMENTA, 2001). Portanto, o estágio é uma *práxis*³ em que o fazer docente articula a prática com o conhecimento que se faz, refaz e se acumula a cada encontro, produzido coletivamente, unindo o espírito de pesquisador (novas descobertas) ao sujeito reflexivo (engajado politicamente) e ao conjunto de comportamentos necessários para a convivência humana (*ethos*). Esse conjunto de fatores desperta nos atores sociais uma visão crítica e estética dele e dos outros diante da vida e do mundo. Da vida no que se refere ao mover-se pelo mundo, implica na matéria e na consciência do gesto. Do mundo quando nos referimos aos espaços que ocupamos e os obstáculos sociais impostos por modelo e opções políticos e econômicas consolidados ao longo da História.

Diante disso, percebe-se a importância que o estágio possui para a formação de professores licenciados inclusive na educação física, preparando os alunos não para o fazer imediato dos esportes, do *fitness*, das práticas de lazer ou para os espetáculos de dança, por exemplo, mas para as práticas da vida, do viver com o outro no tempo e no espaço. Essa compreensão religa o sujeito a sua condição no mundo e o faz sujeito de suas decisões. A ligação entre a universidade e o ambiente escolar, nos permite nessa experiência desenvolver uma prática docente voltada para o humano em que todos nos beneficiamos: graduandos, escolares, professores, sociedade. Essa relação entre universidade e escola se caracteriza não como um desafio que não se consegue, mas como uma experiência de desafios da prática pedagógica possível de almejar.

³ Estamos considerando por *práxis* nesse estudo a referência que diz respeito à ação que o ser humano, homens e mulheres, exerce sobre as coisas: “a aplicação de um conhecimento em uma ação concreta, efetiva. Exemplo: ‘saber prático’. Conhecimento empírico, saber fazer algo. Exemplo: ‘prática pedagógica’, ‘prática médica’ (JAPIASSÚ e MARCONDES, 1996, p. 218). Destacamos que outro sentido para *práxis*, e que esse sentido, na perspectiva kantiana, não corresponde ao mesmo aqui adotado.

Em forma de conclusão

Ao fim desse estudo, optamos por expor em forma de conclusão as respostas as nossas questões iniciais. Antes desse exercício, destacamos que nossa análise se deu sobre dois relatos de experiência e que, portanto, nossas convicções se reduzem a esse universo. Nessas circunstâncias, nossas reflexões são *a priori* provisórias sobre a trajetória da formação de professores no curso de educação física e que articulada a outros estudos nesse contexto, soma importante fonte de informação para estudos mais ampliados no futuro.

A trajetória dos estudantes de educação física no estágio supervisionado inclui quatro semestres. No Estágio Supervisionado I, alunos do quinto período tem os primeiros contatos com a escola, em linhas gerais, cumprem as etapas de visitas, observações, acompanhamentos e desenvolvimento de planejamentos visando os demais estágios. No sexto período, o Estágio Supervisionado II, objeto de nossa investigação, objetiva a aplicação dos conhecimentos da educação física na educação infantil, aqui realizado com escolares do ensino fundamental, anos iniciais. Nessa etapa, vimos que foram cumpridas as seguintes etapas: observação, participação e regência. Nessa trajetória, destacamos que os sujeitos analisados se comportam em cada parte dessa trajetória de um modo diferente e particular e que na medida em que vão avançando no processo, vão estabelecendo autoconfiança pela convivência e vão substituindo hábitos de aprendizes por outros hábitos, os de mestre, como ilustra o núcleo de sentido, a seguir:

A experiência do estágio supervisionado II contribuiu de forma significativa para o meu processo de formação, pois me possibilitou pôr em prática aquilo que até então vi como teoria na universidade, assim como também me fez refletir sobre a instituição formadora para que se possa melhorar o ensino nas próximas etapas da vida como profissional (Sujeito 2).

Vimos no percurso desses sujeitos, informações que revelam a preocupação com um conteúdo ético dos escolares, a relação interpessoal entre os atores sociais envolvidos e a construção de uma autonomia coletiva que possibilita ao futuro professor se apropriar do fazer docente. Essa transformação é mais perceptível no instante da regência. É nessa etapa da trajetória que podemos observar mais drasticamente as mudanças de comportamento e o refino político e ético dos futuros professores, como expressa a seguinte fala: “Considero que durante a atuação no campo de estágio a interação professor-aluno seja a ferramenta ideal para que se consiga desenvolver atividades, através do diálogo e boa relação, sendo assim acontece o respeito e comportamento dentro da sala de aula (Sujeito 2).

As dificuldades enfrentadas em relação à infraestrutura, as dificuldades e facilidades destacadas pelos sujeitos ao longo do texto e como pontos de tensão em relação à interação/convivência entre os atores sociais implicados e o diálogo, como possibilidade de mediar essas tensões no campo da aprendizagem, somam as relações dessas mudanças de comportamento que pudemos relacionar as abordagens humanistas da educação ou da formação humana, como ilustra o núcleo de sentido a seguir: “Na minha atuação, como futura docente, em experiência desse estágio, usarei como instrumento didático a relação de diálogo e afetividade entre professor e aluno, assim terei a certeza de que as aulas ocorrerão de maneira esperada” (Sujeito 2).

O estágio supervisionado II trouxe um novo olhar acerca do quão importante é a relação aluno e professor. Para que o aluno sendo criança ou jovem se perceba como sujeito, se aceite como indivíduo, e não simplesmente se detenha a querer ter razões para tudo que os cerca. É necessário que o professor com respeito e autonomia mostre a estes os caminhos para a formação intelectual, emocional e social. Logo, quando o elo entre professor e aluno passa a trocar informações tudo se torna mais fácil e produtivo. Então se concluiu que a educação formadora que está inserida dentro da escola, é tanto para a sociedade como principalmente para o sujeito uma construção sempre em processo. O estágio trouxe como pontos positivos a possibilidade de experiência, de identificar e contribuir para a formação dos alunos e principalmente pôr em prática conhecimentos. As aulas realizadas de forma geral me aproximaram da realidade das crianças e do quanto elas desejam e também necessitam de atividades mais práticas. Foram nítidos os sorrisos quando de fato eram espontâneos, sem restrições ou forçados. O prazer com que elas jogavam ou brincavam. Quando se percebe pontos positivos normalmente também se percebe os negativos e estes em suma foram as práticas violentas, e estas práticas podem ser desestimuladas com atividades que estimulem valores, como companheirismo e respeito (Sujeito 1).

Partindo da máxima de que “vivemos no conhecimento e conhecemos no viver” (MATURANA e VARELA, 2002, p.14), compreendemos que o ato de aprender requer além do outro e da rotina entre as partes, seja na descoberta do espaço, na otimização do tempo, nas disputas, ora calorosa ora fria, a consciência da importância do outro, o que constitui uma manifestação de humildade. A manifestação de humildade é constatada quando reconheço na relação com o outro a minha potência e a do companheiro: sem o outro não conheço [aprendo]⁴ (MATURANA, 1998; 2000; 2001; 2004; MATURANA e VARELA, 2002; MATURANA e VERDEN-ZÖLLER, 2004).

Portanto, acreditamos numa educação em que educamos com o outro, mediatizados pelo mundo. “Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos

⁴ Grifo nosso.

de vista sobre ele” (FREIRE, 2005, p.97). Enfatizamos assim que, ao educar nos educamos, pois a educação se dá no espaço em que aprendemos a partir de um desejo comum que nos move e nos faz parceiros, aceitando o outro como legítimo outro na convivência. Acreditamos que “Todos os espaços de ações humanas fundam-se em emoções. Todo sistema racional se funda na aceitação de certas premissas a priori” (MATURANA, 2001, p.109); e que “...o amor é a emoção que funda o social e não se esgotou, ele está aí” (Op.Cit., p.105). Esse conjunto de informações constitui parte do conjunto de ideias que cercam uma possibilidade de intervenção pedagógica na escola a qual estamos desde o princípio apostando, considerando a pedagogia do amor e a da libertação.

Defendemos que a educação é uma atividade amorosa que se dá entre diferentes sujeitos, em convivência e ávidos por um desejo comum, que os aproxima, os move e os fazem criar. É no conviver que, nessas circunstâncias, somos coerentes com uma aprendizagem circular, recursiva e engajada politicamente. Apostamos que a educação só se efetiva na solidariedade entre pessoas, e que, essa forma de pensar a educação amplia a possibilidade de uma educação autêntica, baseada não na superação das disputas de classe, mas na defesa do nosso maior objeto de desejo: o viver com outros.

Referências

- BRASIL. Lei N°9394 de 20 de dezembro de 1996. **Dispõe sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008. **Dispõe sobre o estágio de estudantes e da outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 set. 2008.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BIANCHI, A. C. M.; ALVARENGA, M.; BIANCHI, R. **Manual de orientação: estágio supervisionado**. São Paulo: Thomson Learning, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 1ª. ed.1979. 22ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 14ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 45ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- JAPIASSÚ E MARCONDES. **Dicionário básico de filosofia**. 3ª ed. Ver. E ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- MATURANA, Humberto. *A Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MATURANA, Humberto. **Conversações matrísticas e patriarcais**. In: MATURANA, Humberto; e, VERDEN-ZÖLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado a democracia*. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MATURANA, Humberto; e REZEPKA, Sima Nisis de. **Formação humana e capacitação**. 4ª Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MATURANA, Humberto; e VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2002.

MATURANA, Humberto; e, VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado a democracia**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

PIMENTA, S.G. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.